

# MACLET, DE SHAKESPEARE, peça coral

111ª criação

Teatro Art'Imagem com a colaboração do Teatro Morcego Laboratório Oficina



Teatro Art'Imagem

Encenação  
Dramaturgia  
José Abreu Fonseca

Interpretação  
Pedro Carvalho  
Flávio Hamilton  
Carlos Martins

Temporada de estreia  
22 a 25 de Maio  
21.30h - M/12

Audatório Quinta da Caverneira - Águas Santas, Maia

PEÇA CORAL **MACLET**  
de Shakespeare

**Dossier de Imprensa**

## TEMPORADA DE ESTREIA

22 DE MAIO 21H30  
E EM CENA ATÉ DIA 25 DE MAIO 2019  
Quinta da Caverneira  
Águas Santas – Maia

## FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

**Texto:** (dito ou cantado em cena) William Shakespeare (de Hamlet e Macbeth), (dramaturgia) José Abreu Fonseca.

**Atuação:** (desempenhos presentes) Carlos Martins, Flávio Hamilton e Pedro Carvalho, (desempenho prévio, integrado) Pedro Bastos, (voz off) José Abreu Fonseca, (cantigas-frase) Carlos Martins, José Abreu Fonseca, Pedro Bastos e Káká, (direção de atores) José Abreu Fonseca.

**Cenografia:** Guilherme Fonseca (projeto e maquete do cenário e do palco); **construção:** Carlos Martins, Vítor Sousa e José Lopes. **Figurinos:** Luísa Pinto.

**Desenho de luz:** Pedro Carvalho. **Música original:** Alfredo Teixeira. **Vídeo:** André Rabaça. **Operação técnica** (luz, som e vídeo): André Rabaça e José Lopes.

**Encenação:** José Abreu Fonseca; **assistência de ensaios:** Samuel Pascoal.

**Direção técnica e de montagem cénica:** Pedro Carvalho.

**Apoio aos Ensaios:** Samuel Pascoal

**Cartaz, capa e contracapa do programa:** Guilherme Fonseca. **Fotografias:** (do programa) André Rabaça, Guilherme Fonseca, Carlos Martins, Nicas Mesquita; (de cena) Nuno Ribeiro. **Design:** Tiago Dias

**Produção:** Sofia Leal e Daniela Pêgo.

**Direção Artística do Teatro Art'Imagem:** José Leitão

## **TEXTO DE JOSÉ LEITÃO - DIRECTOR ARTÍSTICO DO TEATRO ART´IMAGEM**

### **Ser ou não ser, estar, fazer, criar... Teatro!**

Uma nova estreia, já duas com esta em 2019, "Maclet de Shakespeare – peça coral", segunda incursão de um "díptico" ao universo de "Hamlet" e "Macbeth" cuja primeira abordagem aconteceu 2018 com "Maclet de Shakespeare – monólogo, 1º andamento" que foi já apresentada em Almeida (antestreia), Alijó e, já este ano, em Águas Santas-Maia, numa temporada no Auditório da Quinta da Caverneira, e em Benavente.

Estas criações juntam de novo o Teatro Art´Imagem ao Teatro do Morcego, de Coimbra que, lembre-se, em 2003 se encontraram para fazer "Netzarim Palestina" e, antes, participaram em várias edições do Fazer-a-Festa, no Palácio de Cristal e na programação do então nosso Teatro Estúdio de Massarelos, junto do rio Douro.

Aos seus criadores, alguns deles que trabalham pela primeira vez com a companhia e, em especial, ao dramaturgista e encenador José Abreu Fonseca, o nosso Zé Maria, um obrigado pelo seu contributo.

Estamos no segundo ano do quadriénio apoiado pela DGArtes a que chamamos "Memórias(s), Território(s) e R(Evolução)" de que constam três novas criações, tendo já sido apresentada a primeira, "Os Anos que abalaram o (nosso) Mundo - Crónicas e Cenas do 25 de Abril", em temporada de estreia no Fórum da Maia (2), Ponte de Lima (Teatro Diogo Bernardes), Aveiro (Teatro Aveirense) e Póvoa de Varzim (Cine-Teatro Garrett), texto e encenação da minha autoria, estando prevista a terceira para o fim do ano, "Noites Brancas", de Dostoievski, encenação de Pedro Carvalho.

Ainda em 2019, em Julho, Daniela Pego encenará "Sonho de uma noite na Caverneira", um espectáculo comunitário e continuam os acolhimentos na Programação Regular de Teatro da Caverneira, a circulação de peças pelo território nacional e várias regiões e cidades de Espanha e as quatro Oficinas para crianças, jovens e seniores, bem como a actividade do Fundo Teatral (Exposições e Leitura de Textos Teatrais).

Em destaque ainda e sempre, a 38ª edição do Fazer-a-Festa – Festival Internacional de Teatro para a Infância e Juventude e em Outubro o 24º Festival Internacional de Teatro Cómico da Maia.

Ser, estar, fazer, criar... Teatro!

**José Leitão**  
Director Artístico do Teatro Art´Imagem  
28/4/2019

## TEXTO DE WILLIAM SHAKESPEARE

### Palavras de...

(...) Não conheço aparências. Não é apenas a minha capa cor de noite, nem o traje soturno de um negro solene, nem o sopro forte dum suspiro forçado, não, nem o rio que corre dos meus olhos. Esses parecem, porque são ações que um homem pode representar. Eu tenho dentro de mim o que não pode representar-se. Dor vazia.

(...) Creio que vi meu pai. Desprezando a fortuna, espada ainda a fumar da sanguinolenta carnificina, filho amado da vitória talhando passagem através das fileiras, nem lhe apertou a mão nem lhe deu os bons dias sem o abrir ao meio, da barriga à boca. Valente! Digníssimo gentil-homem!...

(...) Um só grão de impureza corromperá a substância mais pura com o seu contacto infamante...

(...) As minhas feridas gritam por socorro. Nem o enterro dos mortos consentimos...

(...) Nervos meus, não envelheçais de repente, mantende-me de pé.

(...) Há mais coisas no Céu e na Terra do que a nossa filosofia é capaz de imaginar. Estes tempos são loucos. Oh, sorte maldita: não tenha eu nascido para os endireitar...

(...) Formosíssima Ofélia: Duvida que as estrelas sejam fogo, que o sol se mova. Suspeita que a verdade minta. Só não, do meu amor. Teu para sempre, minha senhora querida, enquanto esta máquina me pertencer.

(...) Se o sol faz nascer vermes no cadáver de um cão... Tendes uma filha? Como pode conceber, tende cuidado...

(...) Nada é bom ou mau senão porque o pensamos. Podia estar encerrado numa casca de noz e considerar-me o rei dum espaço infinito... Se não fossem os meus maus sonhos...

(...) Perdi toda a minha alegria. A própria terra me parece estéril promontório. O céu, esplêndido dossel, teto majestoso, magnífico firmamento cheio de chamas de ouro, para mim mais não é que pestilenta emanação de vapores.

(...) Quero provas mais evidentes...

Oh, estrelas, escondi o vosso brilho! Consenti que nenhuma luz ilumine os meus desejos! Que as minhas pálpebras se fechem e não vejam o que fazem minhas mãos, mas possa eu ver executado o que os meus olhos têm medo de ver.

Ser ou não ser – eis a questão. Será maior nobreza da alma sofrer a funda e as flechas da fortuna ou pegar em armas contra um mar de infortúnios, opondo-lhes um fim?

Morrer, dormir... nada mais... (...) Morrer, dormir... dormir...E talvez sonhar...

(...) A consciência faz de nós covardes; a cor primitiva da resolução descora perante a pálida luz do pensamento e empreendimentos de grande porte e importância desviam a sua rota e perdem o nome de ação.

(...) A um simples sinal meu, mais crimes do que tenho pensamentos para os conter, imaginação para lhes dar forma ou tempo para os realizar.

(...) Recitai com voz natural. Se o gritais, como fazem muitos dos nossos atores, mais vale que o mande dizer pelo pregoeiro da cidade. Não serreis demasiado o ar com a vossa mão. Fazei tudo suavemente. Na própria tempestade da paixão, suavidade. Magoar-me-ia até à alma ouvir rasgar um sentimento às tiras, em farrapos.

(...) Vem, noite tenebrosa, envolve-te da mais espessa fumaceira do inferno para que o meu punhal afiado não veja o golpe e nem o céu o possa ver através da opacidade sombria e impedido fique de bradar: “Basta! Basta”.

(...) Ajustai a ação à palavra e a palavra à ação com particular cuidado. Oh, o sol não verá nunca esse amanhã!

(...) Todo o excesso é alheio aos fins do teatro: mostrar à virtude as suas verdadeiras feições, à vileza a sua própria imagem e ao estado atual das coisas a sua forma e impressão.

Há atores que eu vi representar e que ouvi elogiar muito, para não dizer sacrilegamente, que não tinham nem o tom dos cristãos nem o ar dum cristão, dum pagão ou simplesmente dum homem.

(...) Há os que se põem a rir para fazerem rir um certo número de espectadores imbecis, no momento em que seria preciso escutar. Deus o sabe, o esforçado cómico não pode introduzir piada sua, senão como o cego apanha uma lebre: por acaso.

(...) Sim, que o gamo ferido fuja e chore enquanto folgam os outros. Bem é que velem alguns, enquanto os outros dormem. Este reino desmantelado pertencia ao próprio Júpiter; agora reina aqui um autêntico pavão.

(...) É isto um punhal que vejo diante de mim? Serás: sensível ao tato? espiritual? falsa criação nascida do meu cérebro? Indicas-me o caminho... Os meus olhos estão a ser ludibriados. Na tua lâmina há sangue.

A natureza tem a aparência da morte.

(...) Falar de punhais, não usá-los. Ameaçadoras que sejam as palavras, não consintas, alma, que as cumpra.

(...) que me resta? Tentar o que pode o arrependimento... E o que é que não pode?... Contudo, que pode, se arrepender-me não posso?

(...) A face do céu flameja! A massa sólida da terra tem o coração ferido.

(...) Donde vem este som? O que há em mim? Porque é que qualquer ruído me amedronta? De quem são estas mãos?

(...) Não é a minha loucura, é a vossa falta que fala. (...) Na vileza deste mundo corrupto, a própria virtude deve pedir perdão, curvar-se e suplicar.

(...) Rei gordo e mendigo magro são pratos diferentes, apenas. Um homem pode pescar com um verme que comeu um rei e vir a comer o peixe que se alimentou desse verme. Um rei pode viajar nas tripas dum mendigo. Cheirá-lo-eis se não o encontrardes.

(...) Quem dorme e quem morre parece pintura; só as crianças têm medo do diabo pintado.

(...) Que sou eu, com tamanhos desafios à razão e ao sangue e que deixo dormir tudo enquanto vinte mil homens por uma fantasia e um pouco de fama vão para a sepultura como quem vai para o leito e se batem por uma nesga de terra que para conter todos os mortos não é cemitério bastante?

(...) Oh, rosa de Maio, querida menina, doce Ofélia. É possível, oh céus, que a razão dum jovem seja tão mortal como a vida dum velho?

(...) A minha alma é um ninho de lacraus. (...) Desejo que sejas inocente deste segredo, pomba, até ao momento em que o possas aplaudir. Causam-te espanto as minhas palavras? As coisas mal começadas somente o mal as torna fortes.

(...) Houve tempos em que um homem morria e estava tudo acabado. Agora o cadáver levanta-se de novo, vinte feridas mortais na cabeça e expulsa-nos! Isto ainda é mais extraordinário do que o próprio homicídio, pois não é?!

(...) Há mais mentirosos e juramenteiros falsos do que pessoas honestas para os enforcar.

(...) Apaga-te! A vida é sombra que passa... ator que se pavoneia e agita durante uma hora e depois ninguém ouve.

(...) Desgraça, prodígio. Atos carnais, sangrentos, contranatura; sentenças, assassínios; mortes devidas à vileza ou à força do destino; conjuras caídas por engano sobre a cabeça dos seus autores.

Salvé rei, porque tu és rei! Viva o rei!

**...William Shakespeare**

## **TEXTO DE PEDRO BASTOS**

### **As palavras de Shakespeare**

Com as palavras de Shakespeare a percorrerem-me a voz, os pulmões, o gesto, sou tocado por preciosidades poéticas, forças delicadas e brutais cheias de negro e de cor – de uma espantosa beleza.

Em mim, depois, um sangue com renovadas proporções de fascínio e oxigénio; músculos atentos como nunca à crepitação luminosa da linguagem; um espírito sequioso de sonhos para se alimentar; e uma estranha confiança no inesperado... pois... “há mais coisas no céu e na terra do que a nossa filosofia é capaz de imaginar”.

**Pedro Bastos**

## **TEXTO DE SAMUEL PASCOAL**

### **Um híbrido titânico**

“A paixão aumenta em função dos obstáculos que se lhe opõe.”

– William Shakespeare

Até mesmo na iminência dos obstáculos – mentais e físicos –, Hamlet e Macbeth, personagens titânicas do repertório dramático shakespeariano, não se desvinculam do alvo cobiçado, onde as complicações se afiguram combustível para uma paixão obcecada pelo íman do homicídio. Até mesmo na iminência dos obstáculos, de cariz linguístico ou de um rótulo ridiculamente erudito, que afasta uns quantos da beleza shakespeariana, Hamlet e Macbeth não deixam de consumir uma

atração magnética perante o espírito inebriado de inúmeras gerações. Tal fenómeno justifica-se, na sua raiz, pelo experimentalismo vivaz e visionário que energiza o engenho dramaturgicamente de William Shakespeare. É que não falamos, meramente, de um actor, dramaturgo e encenador. Falamos, sobretudo, de um alquimista profundamente inquietado pela natureza do Ser Humano, e que fez deste o rato de laboratório dos seus experimentos teatrais. Diga-se, então, que este trabalho invoca e ressuscita uma espécie de laboratório experimentalista shakespeariano, onde Hamlet e Macbeth – tão idênticos no seu âmagô – se fundem e dão à luz um “multiuniverso”, um híbrido batizado “Maclet”, do qual só se poderá esperar uma multiplicação da incógnita existencial.

Shakespeare terá observado e compreendido, quiçá não de forma tão consciente, que o motor do drama humano subsiste, com força voraz, na capacidade errónea de acharmos que tudo em nós é a nossa mente, de consubstanciarmos a nossa identidade segundo os nossos pensamentos, e de nos identificarmos com as nossas dores, quando, na verdade, o pensamento é, simplesmente, a ramificação de uma maior consciência em nós. Mas na ausência de tal discernimento, Maclet aceita, como muitos de nós, a religião cega da mente, a mente como única verdade em si; e é a voz tripartida desta mente poética e doentia que escutamos em cena, este monólogo coral ecoando e gesticulando no seu próprio mundo, por entre a geografia cénica e perigosa de vários degraus, possíveis etapas e patamares de projeções/maquinações mentais, onde se ascende ao belo devaneio do *ser ou não ser*, e se descende à tragédia mortífera perpetuada pelo *cogito ergo sum* (“Penso, logo existo.”).

*Samuel Pascoal*

## **TEXTO DE ANDRÉ RABAÇA**

### **O corpo transforma-se em... que... que... que...**

Jerzy Grotowski e Ryszard Cieslak: foi este o desafio-âncora lançado por José Abreu Fonseca para desenvolver um trabalho de vídeo que homenageasse o teatro de Grotowski.

Daí parti, desconstruindo os exercícios que Grotowski desenvolveu com Cieslak, na tentativa de os remontar em pequenas aparições, mais ou menos poéticas, mais ou menos enigmáticas. Utilizando apenas o corpo de Cieslak, enquanto forma concreta e moldável, tentei criar momentos que comunicassem com os actores em palco e transportassem o espectador para uma meta-realidade etérea onde os deuses visitam os homens.

O corpo transforma-se em ave que se transforma em espírito que se transforma em chama que se transforma em árvore que se transforma em



água. Grotowski parecia concordar com a máxima: “A simplicidade é o último grau de sofisticação”.

(Texto escrito em desacordo ortográfico)

**André Rabaça**

## **TEXTO DE CARLOS MARTINS**

### **Caminhar - livremente - com olhar - divergente**

“Nervos meus, não envelheçais de repente, mantende-me de pé.”

Como podia deixar escapar esta oportunidade?! Deixar que o corpo calasse?! Deixar que a mente se escapulisse na preguiça?! Não!

O teatro, com Shakespeare abraçado, oferece-me muitas “verdades” que me desafiam na procura, no laboratório teatral, na reflexão, na interpretação. Eleva-me e leva-me a caminhar livremente com olhar divergente. Paro... para descansar. Olho à minha volta e percebo alguém a partilhar, respondo à partilha e toco no personagem porque dele emana um rasto cheiro capaz de me alimentar.

Acompanhado e motivado, agora, na caminhada, percorro montes e vales até ao encontro das paisagens. No monte, olho para o precipício, toco-lhe e, bem lá no fundo, vejo organização a atingir. No vale, acompanho as irregularidades, o relevo do declive até chegar ao céu. Aqui, e a olhar para o céu, relevo os caminhos, as adversidades que me confrontam, que me cansam, que me esclarecem, que me fazem suar, suspirar, gargarhar, gritar. O eco aproxima-se e segreda-me:

“Não durmas mais”.

**Carlos Martins**

## **TEXTO DE FLÁVIO HAMILTON**

### **Para além da verdade e do ser – a cinza, a justiça e o totem**

A verdade vislumbra-se. Maclet, porém, quer mais, quer pisar além terreno da vitória sobre o poder da opacidade que se interpõe entre o Homem e os limites da razão, não se importando com os caprichos da insurreta má fama.

Reduz o amor a cinzas para que as próprias cinzas se convertam em adubo do amor absoluto. Talvez que os ventos da justiça voltem a erguer, em totem, a matéria caída e inerte, devolvendo-a à vida sob a forma de monumento.

Mas que pode o Homem se os desígnios da providência forem contrários à sua circunstância? Ao produzir cinzas, Maclet vai promiscuir-se nelas, não restando dele mais que a morte na sequência da verdade. Porque a verdade é ela própria duas metades: princípio e fim.

O pressuposto de que o ator, substância última dessa verdade, deve tutelar as angústias do seu arquétipo, suprindo-as com a sua carne, e entregá-las ao mito da eternidade, coloca-o perante um abismo do qual só conhece o princípio.

**Flávio Hamilton**

## **TEXTO DE PEDRO CARVALHO**

### **Uma luz, um destino plural: os olhos dos espectadores**

Gosto dos pensamentos de quem não consegue parar de pensar. Gosto de realidades que não existem. Gosto de ser contagiado pelas emoções de quem caminha ou se cruza ou encontra comigo. Gosto deste desafio, da sua ideia. Gosto de teatro.

“Maclet, de Shakespeare” envolveu-me, no seu 1º andamento, em S. Mamede de Ribatua (Alijó), na Santo Mamede, e depois em Cabreira (Almeida), na ASTA (pré-antestreia), locais e instituições onde para mim tudo começou. Esses foram os primeiros momentos da minha ligação a este projeto artístico e de cumplicidades e afetos – que agora prossegue.

A partilha estendeu-se, com memória, a novos atores e restante equipa artística, assim substanciando no palco renovados olhares que quiseram mirar longe e sem fronteiras.

O ocaso. A sombra, o negro, o silêncio da luz. E o seu grito.

Os atores deambulam em cena – e o palco, com os atores dentro, movimentam-se nos olhos do espectador. Obrigado Teatro Art’ Imagem e obrigado Teatro do Morcego–Laboratório Oficina.

**Pedro Carvalho**

## **TEXTO DE GUILHERME FONSECA**

### **Da visão**

Qualquer exercício criativo implica organização, trabalho (transpirações mentais e físicas) e inspiração em percentagens muito diversas. Sempre ouvi dizer e concordo que 90% é transpiração e 10% inspiração – inspirações, variações (permito-me acrescentar). Por isto me rejo.

Na criação teatral a obra agrega dimensões múltiplas. E mesmo antes de existir, já cada uma dessas dimensões, a supõe, ou seja, “vê” – na sua globalidade. Visões que se fundem, depois, traçando-lhe o caminho por sucessivos ajustes. Até que nasce.

Em “MACLET” quis, todos quisemos, facilitar e desafiar processos. Foi um orgulho. A todos e ao Teatro Art’ Imagem, um grato abraço.

**Guilherme Fonseca**

## **TEXTO DE ALFREDO TEIXEIRA**

### **Um encontro com a composição musical**

Estou afastado há uns tempos da composição musical. Toco fado à noite, de vez em quando, pois preciso de pagar as despesas. Talvez um dia a música e eu nos voltemos a encontrar mais intimamente.

Disse eu isto em Outubro do ano passado por ocasião da estreia do primeiro andamento (monólogo) de Maclet, no programa da peça – que inclui músicas minhas criadas há uns anos.

Continuo a tocar fado à noite, a fabricar instrumentos musicais e a praticar jazz com o meu filho. Mas estarei a viver um desses encontros a que me referia.

Passado tanto tempo, só mesmo o Art' Imagem e o Morcego me fariam voltar a fazer música. Espero ter imaginação para preencher tanto espaço de liberdade criativa e ser sensível aos estímulos que sempre me inspiraram a inventar formas de sair da minha cabeça.

É algo deste género que gostaria de escrever no texto que me pediram mas... soa-me sempre a piroso...

**Alfredo Teixeira**

## **TEXTO DE LUÍSA PINTO**

### **Figurinos para pessoa-símbolo, mas pessoa, pensados para servir a encenação**

Os figurinos foram pensados para servir a encenação, numa relação dialógica com os restantes elementos plásticos que compõem o fazer teatral. Já assim foi com o 1º andamento de Maclet. Assim é agora.

O espaço da narrativa (reitero) é um lugar simbólico e a encenação aposta numa estética com peso cenográfico mas ainda assim minimalista e de teatro físico: a atuação, as vozes, os corpos móveis no espaço. Com tais referências (com que me identifico), pretendi criar figurinos capazes de ajudar os atores a desvendar novas perspetivas a respeito das questões que o texto teatral abarca.

Tempo, espaço, origem da personagem coral: contemporânea, linhas retas, influência japonesa. Carácter realista enfatizado por texturas fortes. Aparência gasta, cores escuras e volumetrias que, realçadas por efeitos de luz, acentuam na ambiência cénica o lado sombrio da personagem singular: pessoa que é símbolo mas vive como pessoa comum – muitas vezes movida por amor, ressentimentos e ódio a um só tempo.

**Luísa Pinto**

## TEXTO DE JOSÉ LOPES

### Memória, projeto, mão – tudo se liga na obra

Começo pelo estudo da coisa que se pretende construir: o que vou fazer, como vou fazer, os materiais, as ferramentas a utilizar. Depois avanço, devagarinho, por tentativa e erro. Aos pouquinhos, para minimizar as falhas, de modo a não ser necessário voltar na emenda completamente atrás. E assim continuo, lentamente, até chegar ao final e atingir o resultado que me foi pedido.

Quer no início quer no decurso do processo, dou por vezes ideias e faço sugestões ao cenógrafo e ao encenador. O projeto inicial, o meu estudo para a execução, os materiais, o treino, a técnica, as ferramentas, a memória, a mão, os olhos, o cérebro, está tudo ligado. A obra final é o resultado disso tudo.

**José Lopes**

## TEXTO DE JOSÉ ABREU FONSECA

### Matérias de que são feitos os sonhos

#### 1. Em suma

A poesia e a dramaticidade dos textos de Shakespeare conduziram-no à mais deslumbrante e sábia literatura. Teremos sabido receber a beleza clarividente das suas palavras?

Honrou-me o Teatro Art' Imagem porque me permitiu encenar um texto de Shakespeare por mim construído dramaturgicamente. Honraram-me os atores porque se confiaram às minhas sugestões e orientações. Honraram-me com o seu empenhamento, todos os elementos da equipa que ergueu esta peça.

*MACLET, de SHAKESPEARE—peça coral* – que já teve um 1º andamento (monólogo interpretado por Pedro Bastos) – antes de começar a ser construída, foi projeto. Em que medida se desviou dele, a empreitada? Em que medida os fins antevistos foram alcançados? Em que medida a realidade quimérica e a realidade substanciada, divergem?

Espectadores haverá que gostarão de poder aferi-lo. Outros quererão apreciar apenas os resultados que sejam postos diante dos seus olhos. De todos e a todos, segundo a vontade de cada um.

## 2. Testemunho

A inserção comunitária do Teatro Art' Imagem é impressionante. O povo da Maia gosta da companhia e dos seus elementos, adere às iniciativas e participa nas ações de formação que promove, assiste às peças que programa no Fazer-a-Festa, no Cómico da Maia e no Teatro da Quinta da Caverneira.

O povo da Maia é adepto maioritariamente do FCP – e, na sua totalidade, do Teatro Art' Imagem. Por isso é que o Adriano Freire e a Patrícia, a Filipa e o Tiago, pessoas maravilhosas, já eram meus amigos e do “inglês” (assim rebatizaram o Carlos), bem antes de nos conhecerem. Assim continuaremos.

O Teatro Art' Imagem já está na história presente do teatro – e tem todas as condições para avançar, ainda que a pulso (que tem), na direção da “história do futuro”.

## 3. O texto

*MACLET, de SHAKESPEARE* é o resultado de uma colagem de fragmentos de *MACBETH* e *HAMLET*. Dela nasceu um texto inicial (um heterólogo com o mesmo título) de que foi extraído este monólogo coral que o Teatro Art' Imagem ora estreia com a colaboração do Teatro do Morcego Laboratório Oficina.

As palavras que destina aos atores são da autoria exclusiva de Shakespeare. Peça sua, portanto – que no entanto não o é apenas, pois escreveu-a e não a escreveu ao mesmo tempo. Elocução do que diz Maclet mas também do que, por alucinação ou escuta, Maclet ouve dizer: ao espectro-rei-morto seu pai, ao homicida seu tio-rei-posto, a augúrios, à voz ocasional que lhe anuncia a morte.

## 4. Fragmentos do projeto

Quisemos em cena, ações físicas dançantes, ações vocais permeáveis à música e ações verbais de pura poesia.

Resolve Maclet, com a potência moral Hamlet, o delírio homicida e persecutório de Macbeth; e, com o instinto Macbeth, a sombra Hamlet que o imobiliza. Dentro de si mesmo evolui e conflitua, reclamando a certeza do olhar divino e o rigor da sua lâmina pura mas desferindo de olhos vendados, com braço de carne e aço imperfeito, golpes de espada falíveis guiados tão só por razões da mirada humana.

Quisemos: uma dramaturgia concebida sobretudo como obra a produzir pelos corpos – tão capazes de se submeter a pressupostos teóricos extraídos dos textos como de descobrir neles, por efeito e força das tábuas, insuspeitadas possibilidades (teorizantes) de sentido; uma cenografia de símbolos em busca do seu significado; uma luz a derramar em cena diferentes transparências e origens; apontamentos videoplásticos dialogantes com a atuação; figurinos denotando os desdobramentos e a singularidade de um mesmo e único corpo (coral) de uma só personagem (Maclet); e contar com Alfredo Teixeira, génio ignorado (português) da composição musical.

Quisemos que esta peça manifestasse nas suas estruturas performativas e cénicas, a opção por um teatro capaz de congrega todas as artes mas em que apenas uma, a do ator, lhe predomina a essência. Às múltiplas exuberâncias e efeitos preferimos a ousadia da signifição através do desempenho – e questionar o mundo e a vida e a morte com os instrumentos naturais da atuação.

A literatura pensa, sente e fala com palavras (e sílabas, ritmos, sons). A pintura com tintas, telas, pincéis. A filosofia com conceitos. A política com ambições, jogos de embuste e golpes de adaga. A ciência com hipóteses. O direito com exigibilidades. A religião com crenças, fantasias e orações. E o teatro com diferentes qualidades de presença, expressividade, movimento, voz, elocução.

Macbeth: louco assassino embriagado pelo poder. Hamlet: homem justo e capaz de ação mas incapaz de agir sem evidência ou prova. Maclet: santo poeta capaz de matar, sensível e cruel.

Tudo isto foi projetado e dito. Lançado o processo, quisemos ainda prestar homenagem ao teatro de Grotowski e Cieslak. Mereceremos nós a honra dessa vénia? Bem saberemos, dobrar o joelho?...

#### 5. Desejo

Meninas e meninos, senhoras e senhores, a todos desejo um bom espetáculo!

**José Abreu Fonseca**

## **PROTOCOLO**

Câmara Municipal da Maia

## **ESTUTURA FINANCIADA**

Ministério da Cultura através da Direcção Geral das Artes

## **APOIO**

Instituto Português do Desporto e Juventude

## **MEDIA PARTNER**

Radio Televisão Portuguesa

## **TEATRO ART'IMAGEM**

Quinta da Caverneira - Avenida Pastor Joaquim Eduardo Machado - Águas Santas 4425-253 Maia  
t. 22 208 40 14 | 91 76 91 753 | 91 08 18 719 - [www.teatroartimagem.org](http://www.teatroartimagem.org)  
[facebook.com/teatroartimagem](https://facebook.com/teatroartimagem)